

CRÍTICAS DE LIVROS: UM BREVE ESTUDO DA LINGUAGEM DA AVALIAÇÃO

Gisele de Carvalho*

Resumo: Este artigo tem como foco principal a avaliação presente no gênero crítica de livros. O corpus de investigação constitui-se de vinte resenhas sobre livros de ficção, publicadas em revistas semanais e de circulação nacional. Para identificar o tipo de atitude expressa pelo resenhista, a análise do fenômeno da avaliação se baseia nas categorias propostas por Martin (2000).

Palavras-chave: avaliação; gênero textual; crítica de livro.

A crítica recensória, por sua função de recomendação, não pode eximir-se, senão em casos de excepcional vilania, de pronunciar um juízo sobre aquilo que o texto diz.
(Umberto Eco)

1 INTRODUÇÃO

Resenha, recensão, crítica, resenha crítica, crítica recensória. Para começar, um mar de termos. Ao buscar a etimologia destas palavras, tem-se para a primeira “descrição ou relato minucioso”. Já a segunda está atrelada à “censura”, e a terceira carrega a noção de “apreciação, julgamento”. Estas idéias todas se combinam nos dois últimos termos para marcar a natureza de um gênero do discurso que descreve e avalia um produto artístico, seja ele literário, teatral, cinematográfico, musical, televisivo, ou das artes plásticas. A palavra *resenha*, entretanto, perdeu seu significado meramente descritivo e é usada, hoje em dia, como sinônimo de todas as outras. No entanto, fora as pessoas que circulam nos meios onde ela é usada, muitas a desconhecem. Como neste artigo tratarei de resenhas de livros publicadas em duas revistas de variedades, de circulação nacional, vou utilizar também o termo *crítica*, que é como os leitores destes e outros veículos mais populares reconhecem o gênero.

Apesar de a crítica ser um gênero relativamente popular, visto que seus exemplares parecem ter espaço assegurado em revistas e jornais, principalmente quando seus alvos são os filmes em cartaz no cinema e programas de TV, o seu estudo não

* Professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Doutora em Linguística. E-mail: <giseledcarvalho@terra.com.br>.

detém a mesma popularidade. São raros os pesquisadores que se ocupam deste gênero, como, por exemplo, Barbare (2002), que trata de críticas de cinema, e Carvalho (2004), que estuda críticas de livro. Na busca de trabalhos sobre o assunto, o pesquisador encontrará um capítulo ou seção sobre resenhas em manuais de redação acadêmica; contudo, estes tendem a dedicar mais atenção aos projetos e artigos de pesquisa ou às dissertações e teses. Por fim, há alguns estudos mais alentados sobre resenhas acadêmicas, dentre os quais encontram-se os de Hyland (2000) e o de Motta-Roth (1995), além de minha tese de doutorado (CARVALHO, 2002).

Dentre os diferentes conceitos de gênero em circulação (cf. BHATIA, 1993; BERKENKOTTER e HUCKIN, 1992; MILLER, 1994; SWALES, 1990), podemos notar que a natureza de um determinado gênero está intrinsecamente ligada a seu propósito comunicativo ou ao que Bakhtin (1979: p. 279) chama de “finalidades de cada uma das esferas [da atividade humana]”. Ao lermos as palavras de Eco (2003: p. 156) ressaltadas na epígrafe deste artigo, vemos claramente o propósito de uma resenha: “pronunciar um juízo sobre aquilo que o texto diz”. E ainda enfatiza esta finalidade dizendo que não fazê-lo é um ato de vilania. Na ótica do teórico e romancista, aqui corroborada, espera-se que uma resenha cumpra seu papel de pronunciar um juízo crítico-estético sobre a obra que examina.

Por sua vez, aquele que estuda o gênero crítica não pode se abster de investigar a tarefa de apreciar, julgar, avaliar. O que o crítico avalia no livro objeto de seu exame e como o faz? Como encaminha sua avaliação ao leitor? Este texto pretende responder a estas perguntas utilizando as categorias analíticas propostas por Martin (2000) para estudar a ocorrência do fenômeno da avaliação, ilustrado através de vários fragmentos retirados de críticas e, também, através de duas resenhas escolhidas dentre as vinte que compõem o *corpus* compilado para este estudo.

2 O GÊNERO CRÍTICA DE LIVROS E SUA CONFIGURAÇÃO CONTEXTUAL

Para Bakhtin (1979), assim como para os autores mencionados na introdução, gêneros são muito mais do que um conjunto de regras, convenções e características textuais; são os modos pelos quais vemos e interpretamos o mundo, como interagimos nele e com ele.¹

¹ Conforme esta definição: “Genres are not just forms. Genres are forms of life, ways of being. They are frames for social action. They are environments for learning. They are locations within which meaning is constructed. Genres shape the thoughts we form and the communications by which we interact. Genres are the familiar places we go to create intelligible communicative action with each other and the guideposts we use to explore the unfamiliar” (BAZERMAN, 1997, p. 19).

Assim, nomear um gênero já é em si uma forma de ativar uma série de saberes compartilhados. Quando, por exemplo, me perguntam o que estou pesquisando e digo ‘resenhas de livros’ ou ‘críticas de livros’, muitas vezes tenho de refazer esta formulação em ‘aqueles textos publicados em revistas que falam de livros recentemente lançados, se são bons ou não’ – e só então passamos a nos entender. Portanto, ao rotular meu objeto de estudo de *crítica de livros* tento evocar no meu interlocutor o reconhecimento de propósitos comunicativos, papéis sociais desempenhados pelos participantes do gênero, características retóricas e discursivas, convenções adotadas, valores culturais em jogo.

Um modo de percebermos com um pouco mais de clareza o mundo no qual os gêneros são utilizados é vê-los pelas três variáveis situacionais do modelo sistêmico-funcional de Halliday (1985), a saber, Campo, Relações e Modo, para entendermos por que o gênero que estudamos se materializa da forma que o faz. A primeira procura identificar a atividade social levada a cabo pelo gênero e seu propósito comunicativo. A segunda investiga quem são os participantes no gênero, que papéis sociais desempenham e que distância social mantêm. A terceira especifica o papel da linguagem, os canais e meios utilizados para atingir os propósitos comunicativos do gênero.

Em relação ao Campo, seria objetivo de críticas oferecerem uma avaliação crítico-estética e uma descrição breve do enredo de um livro de ficção recentemente publicado. Este propósito vale tanto para o leitor, que procura a leitura de uma resenha como um guia para suas próximas aquisições literárias ou para se manter informado acerca dos últimos lançamentos do mercado editorial, como também para o resenhista, que já lê o livro sabendo que terá de produzir um texto capaz de dar aos leitores uma idéia resumida de uma narrativa que ainda desconhecem, além de suas impressões de leitura e apreciação da obra. Um outro propósito do gênero é o de dar visibilidade a uma nova publicação e este está atrelado à função do editor da seção de resenhas que, ao pautar várias para uma determinada edição da revista, opta pela publicação de uma fração delas. Com exceção das decisões baseadas apenas na formatação da revista (um espaço de sobra que precisa ser preenchido), a publicação de uma resenha tende a levar em conta algum dos critérios normalmente utilizados para se definir o que deve virar notícia. Por exemplo, o lançamento do mais novo livro da série *Harry Potter* é um evento esperado e precisa ser noticiado. Se Paulo Coelho ou Madonna lançam livros, temos celebridades envolvidas no evento, o primeiro um autor brasileiro de *best-sellers* e a segunda, mais conhecida por seu desempenho musical. Também é preciso estar em consonância com outros veículos

e verificar o que é notícia lá: as revistas *Época* e *Veja* publicaram, durante o ano de 2003, na mesma semana ou com apenas uma semana de diferença, críticas dos livros de Chico Buarque, J.K. Rowling, Paulo Coelho, Ruben Fonseca, Sérgio Sant'Ana. Estes últimos exemplos também nos remetem a autores já conhecidos do público e, portanto, dignos de figurar na página impressa. Não é à toa que usamos a palavra *notícia* e seus derivados no parágrafo anterior, pois um outro propósito da resenha na revista é tratar o livro como notícia e, assim, dar destaque a uma nova publicação.

Entretanto, se somos constantemente bombardeados com o adágio 'ninguém lê neste país' e com as estatísticas que dele decorrem, o que faz com que pelo menos estas revistas mantenham uma seção de críticas de livros? Os hábitos declarados por seus assinantes por meio das pesquisas feitas pelo veículo ou ainda adquiridas de outros mecanismos de coleta de informações sócio-econômicas.² O leitor que assina ou compra estas revistas é aquele que lê livros e, em decorrência, os valoriza. Assim, o veículo reflete (e também transforma) o sistema de valores da comunidade leitora que se identifica com ele, contribuindo para a disseminação e manutenção das práticas discursivas daquela comunidade.

Quanto à variável *Relações*, pode-se depreender da descrição do Campo que os participantes no gênero são os leitores (aqui incluído também o autor do livro), o resenhista (que pode ser um jornalista da casa ou um escritor contratado para exercer este papel em nome do veículo) e o editor da seção de resenhas. O leitor não é um especialista em crítica literária, ao passo que o editor e o resenhista, se não o são por formação, acabam por sê-lo em função dos papéis que desempenham. A relação estabelecida entre o primeiro e os outros dois é desigual, pois a opinião emitida sobre a qualidade do livro e a escolha de uma determinada resenha para ser publicada cabem ao resenhista e ao editor, respectivamente. Em outras palavras, ao leitor cabe aderir a um acordo tácito que diz que a leitura de uma resenha começa pela aceitação da posição do crítico como alguém abalizado para emitir um parecer. Entretanto, o leitor pode discordar da avaliação proposta pelo resenhista e até interromper a leitura do texto se a avaliação expressa o "irritar". Essa preocupação parece estar no centro das relações entre quem avalia, o que é avaliado (e quem, por extensão) e quem avalia a avaliação, ou seja, as relações entre o resenhista, o livro (e seu autor) e, tanto o editor como o leitor. Cabem no texto de uma resenha vários tipos de interações sociais, tornados amplamente públicos no momento em que o texto passa a circular. Estamos, portanto,

² Informação fornecida pelo Prof. Dr. Carlos Alexandre de C. Moreno, coordenador do Curso de Especialização em Jornalismo Cultural, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em entrevista concedida à autora em 2004.

diante de um gênero interacionalmente complexo porque a crítica pública, principalmente a negativa, tem vasto potencial explosivo.

Partindo da variável Modo, vê-se que a linguagem é constitutiva do gênero resenha e que o tipo de texto predominante é persuasivo, ensejando inclusive um comando explícito ou implícito: (não) leia este livro ou leia este livro apesar das faltas apontadas. Trata-se de um gênero essencialmente metadiscursivo, pois se configura como um discurso sobre outro (o discurso da crítica sobre o discurso ficcional, pelo menos) e intertextual, visto que integra, literalmente ou não, a presença de outro texto no seu próprio. O texto utiliza canal gráfico em combinação com elementos de apelo visual, como fotos do autor ou da capa do livro resenhado.

A partir desta configuração, pode-se então caracterizar o gênero crítica de livros: gênero metadiscursivo e intertextual, cujo propósito é resumir e avaliar livro recentemente lançado para uma audiência não-especialista; é usado em uma interação marcada pela distância entre os participantes, através de um texto escrito, público, veiculado junto com outros gêneros típicos da atividade jornalística.

3 METODOLOGIA

Na primeira seção abaixo, descrevo os exemplares de críticas de livros coletados para formar o *corpus* de análise. Na segunda, o leitor encontra as categorias analíticas utilizadas para a análise do fenômeno da avaliação.

3.1 Descrição do corpus

As vinte resenhas analisadas para este estudo foram publicadas durante o ano de 2003 e retiradas de duas revistas de circulação nacional (*Veja* e *Época*); encontram-se em seção denominada “livros” e seu texto é acompanhado de ilustrações variadas (por exemplo, capa do livro resenhado, foto do autor, ilustração que se refere ao assunto do livro). São assinadas de duas formas: ou através do nome completo do resenhista, ou apenas por suas iniciais; algumas trazem, em texto separado, informações mínimas sobre o resenhista, se ele não for um jornalista contratado para esta função no veículo. Tanto podem destinar parte isolada da página para registrar a referência completa do livro, como no caso da revista *Época*, quanto incluir alguns dos itens da referência no texto propriamente dito (em geral, entre parênteses, onde aparece também o preço da publicação). Têm sempre um título e subsequente subtítulo. Quanto ao livro resenhado, os textos selecionados se restringem às críticas cujo objeto de exame são obras de ficção em prosa.

3.2 Tratamento dos dados

Dentre os estudos já desenvolvidos sob a luz da Linguística Sistêmica-Funcional para mapear a ocorrência do fenômeno da Avaliação, me parecem particularmente relevantes os de Martin (2000) e Martin e Rose (2003), pois neles encontro os parâmetros e as categorias analíticas que mais se adequam à natureza das críticas. Os textos das resenhas foram, em um primeiro momento, lidos atentamente e neles isoladas as passagens que continham avaliação, e estas classificadas segundo o estudo de Martin sobre a linguagem da avaliação, denominado de Valoração (ver detalhamento abaixo). Um segundo momento determinou a necessidade de refinamento do modelo para que as críticas pudessem ser investigadas de forma mais completa, já que as categorias propostas ou eram amplas em demasia ou não tinham ocorrência significativa nos textos. Estas alterações também estão relatadas abaixo.

Segundo o modelo de Martin (2000), a “valoração diz respeito à avaliação – os tipos de atitude que são negociadas em um texto, a força dos sentimentos envolvidos e os modos pelos quais valores são atribuídos e leitores posicionados” (MARTIN e ROSE, 2003: p. 56). Uma vez que Martin trata a valoração como parte da macrofunção interpessoal da linguagem (HALLIDAY, 1985), dá ênfase à atitude expressa e sua intensidade, à sua fonte – quem é responsável por tal atitude – e que relação se estabelece entre escritor e leitor: que papéis ambos assumem no evento de comunicação e diante de determinada atitude. O modelo de Martin privilegia, assim, a expressão de uma opinião (pessoal e institucional) e a criação e manutenção de vínculos entre escritor e leitor.

Segundo esse modelo, a *valoração* é estudada levando-se em consideração a *atitude*, a *gradação* e a *fonte*. A primeira inclui os recursos semântico-discursivos usados para expressar *Afeto* – “construir reações emocionais” —, *Julgamento* – “construir avaliações morais de comportamento” – e *Apreciação* – “construir a qualidade ‘estética’ de textos/processos semióticos e fenômenos naturais” (MARTIN, 2000, p.145-146). Essas atitudes são positivas ou negativas. São expressas mais ou menos explicitamente: nos termos de Martin, a avaliação pode ser *inscrita* (explicitamente expressa) ou *evocada* (subentendida). A segunda – *gradação* – abrange os recursos utilizados para expressarmos a intensidade das atitudes que temos em relação a pessoas e coisas. A terceira diz respeito às fontes das atitudes; podem provir apenas do escritor (monoglóssico) ou de outrem (heteroglóssico), as últimas codificadas através de recursos de projeção, modalidade e concessão. Em seu modelo, Martin (2000, p. 145) dirige o foco para os “recursos semânticos usados

para negociar emoções, julgamentos e valores, ao lado daqueles usados para amplificar e criar comprometimento com estas avaliações”.

A proposta de Martin parece ser apropriada para o estudo de resenhas, já que tanto seu modelo como o gênero abarcam a expressão de uma opinião e as relações entre escritor e leitor, ou seja, ambos enfatizam a *negociação da avaliação*: o crítico precisa criar meios para tentar fazer com que o leitor partilhe de – ou que, pelo menos, não rejeite instantaneamente – suas opiniões acerca do livro que examina; precisa, assim, negociar o juízo emitido.

Nos deteremos aqui no subsistema da *atitude*, que dá conta da opinião expressa pelo resenhista acerca do livro ou do desempenho do autor. Das três variáveis deste subsistema, nos concentraremos nas categorias de *Apreciação* e *Julgamento*, visto que as resenhas analisadas indicam que o resenhista procura expressar sua opinião em termos que tenham apelo menos emocional (característica do Afeto) e mais intelectual, mesmo quando a resenha é laudatória. Além deste motivo, de importância talvez mais significativa é o fato de o objeto da resenha restringir o tipo de atitude que se encontra nas amostras: por tratar-se da avaliação do conteúdo de um livro (ou seja, avaliação de *texto*) e do escritor e sua performance, a expressão de *apreciação* e de *juízo* ocupa lugar de destaque.

Para a categoria de *Apreciação*, mantivemos na íntegra as três variáveis propostas por Martin, a saber: 1] *reação* – nesta variável estão incluídos os recursos que expressam “o quanto o texto/processo em questão captura nossa atenção (impacto)” e aqueles que registram a reação do resenhista acerca da qualidade do texto, localizados dentro da escala excelente-sofrível (qualidade); 2] *composição* – diz respeito a “percepções de proporcionalidade (equilíbrio) e do detalhamento (complexidade) em um texto/processo”; 3] *valor* – aqui estão os recursos que revelam “nossa apreciação da importância social do texto/processo” (MARTIN, 2000, p. 160).

O quadro abaixo resume as categorias usadas para analisar os recursos semântico-discursivos que realizam a *Apreciação do objeto*. As perguntas inseridas no quadro 1 têm por objetivo indicar, de forma bem simplificada, o que se entende por cada subcategoria.

Vejamos, a seguir, alguns exemplos retirados de diferentes críticas. Em todos, o referente da avaliação é o livro ou detalhes dele:

(1) *Cabeça a Prêmio* proporciona uma leitura irresistível (Época – 18/08/2003)

- (2) *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, quinto volume da saga, é muito bom – um dos melhores. (Época – 30/06/2003)
- (3) *Budapeste*, o terceiro e mais bem elaborado romance de sua carreira como ficcionista. (Época - 15/09/03)
- (4) *Budapeste* flui como um poema em prosa (Época - 15/09/03)
- (5) Os flagrantos de opressão urbana – como a cena em que José Costa é assediado por um casal de golpistas romenos – parecem um tanto deslocados. (Veja – 17/09/2003)
- (6) Certas cenas de *Cosmópolis* são tão implausíveis que lembram o realismo fantástico (Veja – 25 de junho de 2003)
- (7) *Perdas & Ganhos*, no entanto, vai além: é um livro do qual essas leitoras podem extrair lições. (Veja – 30 de julho de 2003)
- (8) Essa é a maior originalidade de *Dentes Brancos*: é um livro inocente. (Veja – 26 de março de 2003)

Apreciação do objeto	Reação	Impacto	O livro prendeu minha atenção? O livro correspondeu às minhas expectativas?
		Qualidade	Gostei do livro?
	Composição	Engenharia	A narrativa corresponde às expectativas genéricas? A narrativa é bem costurada? As partes fazem sentido? A ordem é adequada? A perspectiva é adequada? O ritmo é bom? Os personagens são bem construídos? O tema é interessante?
		Relevância	O livro levanta questões importantes?
	Valor	Originalidade	O livro traz alguma contribuição nova?

Quadro 1 – Apreciação do objeto (construído com base em MARTIN, 2000, p. 160).

Nos dois primeiros exemplos, vemos o tipo de apreciação denominada de reação: o primeiro indica o impacto do livro no leitor (“leitura irresistível”), enquanto o segundo revela a qualidade dele (“muito bom – um dos melhores”). De [3] a [6] podemos observar a apreciação da composição. Em [3] e [4] o resenhista fala positivamente da construção e do fluxo da narrativa. Em [5] e [6] detalhes da composição são avaliados negativamente: a desarticulação e inverossimilhança de certas cenas em relação ao resto da obra. Em [7], percebemos o valor dado ao livro, apontado através de sua relevância: “livro do qual essas leitoras podem extrair lições”. Em [8] nos deparamos com exemplo que enfatiza a originalidade do livro.

Além de emitir juízo acerca do produto, os críticos também avaliam o escritor, de modo geral, e seu desempenho, de forma específica. Mais uma vez, começamos pelo modelo de Martin e fomos buscar na categoria de Julgamento os parâmetros de

análise. Seu modelo traça uma distinção entre juízos emitidos de acordo com *aprovação social* e com *sanção social*. O primeiro diz respeito ao tipo de avaliação cujas bases são a admiração ou a crítica pessoal, enquanto o segundo está baseado em valores do tipo elogio ou condenação moral. Essa distinção é estabelecida de forma jocosa por Martin (2000, p. 156): “se você tem dificuldades nesta área [aprovação social] pode precisar de um terapeuta; [...] se você tem problemas nesta área [sanção social] pode precisar de um advogado”.

Os juízos presentes nas críticas são de natureza estritamente social; não há julgamento moral do escritor. Mas já aqui cabe uma primeira observação a respeito do juízo emitido pelo resenhista acerca do desempenho do autor: ele parece se relacionar ao subsistema da *aprovação social*, especificamente no que tange ao desempenho de uma atividade profissional e à reputação obtida por um indivíduo decorrente de sua atuação, pois não é só o escritor que está sendo avaliado, mas também se o seu fazer está de acordo com as normas e valores da comunidade que consome e avalia sua produção. Há exemplos no *corpus* que fogem aos de apreciação estética do objeto em si e que também não refletem um julgamento do comportamento humano. Nestes casos, o referente da avaliação é o trabalho do escritor – o ser mesclado a seu fazer —, não apenas o livro propriamente dito e nem somente o escritor ele mesmo.

Os juízos emitidos em relação ao trabalho do escritor são sensíveis ao que a crítica literária valoriza na criação, no fazer literário. O romancista e professor de escrita criativa John Gardner (1997, p. 169), em livro que trata da criação literária e de questões técnicas destinadas principalmente a escritores iniciantes, elege a *mestria* como a qualidade a ser perseguida: “Para alcançar seu objetivo de tornar-se um grande artista, o jovem escritor tem de desenvolver não um conjunto de normas estéticas, mas a mestria artística”. Dentre os aspectos técnicos que Gardner seleciona para abordar, enumero, a seguir, aqueles mais freqüentemente mencionados nas críticas quando os resenhistas examinam o desempenho do escritor: se ele tem estilo próprio, se tem o domínio da frase, se escolhe um ponto de vista que funciona bem, se arma um bom enredo, se consegue controlar o fluxo da narrativa de modo eficiente.

Os textos do *corpus* trazem índices de avaliação de natureza mais abrangente que se referem à *capacidade* do autor, em especial à sua competência em lidar com os aspectos mencionados no parágrafo anterior. Além de sua competência, sua experiência também é levada em consideração e esta noção se aproxima da de *tenacidade*; portanto, se o escritor é reconhecido como autor de várias obras de

qualidade, sua experiência é avaliada positivamente. Outras características de cunho mais geral podem vir a ser apontadas como dignas de nota, como, por exemplo, segurança, ousadia, sensibilidade. Estas características qualificam o autor como alguém que tem qualidades especiais que o crítico julga relevantes para a realização plena de sua obra; por isso foram associadas à categoria de *normalidade* de Martin. Sugiro então algumas categorias de *juízo* para críticas de livro de ficção (quadro 2).

Julgamento do (desempenho do) autor	Mestria	Tem estilo próprio? Tem domínio da frase? Escolhe bem o ponto de vista narrativo? Escolhe tema interessante? Constrói um enredo original? Constrói bem seus personagens? É eficiente no controle do fluxo da narrativa?
	Capacidade/Competência	Tem as habilidades esperadas e/ou necessárias?
	Tenacidade/ Experiência	É experiente ou novato? Persiste no mesmo tema/gênero?
	Normalidade	Tem características/qualidades especiais?

**Quadro 2 – Julgamento do (desempenho do) autor
(construído com base em MARTIN, 2000, p. 162).**

A seguir encontram-se alguns exemplos de julgamento no corpus:

- (9) Aí está a grande sacada: Rowling faz uma alegoria do autoritarismo para leitores que supostamente cresceram com Harry e estão aptos a entendê-la. (Época – 30 de junho de 2003).
- (10) [...] a única crítica que se pode fazer a ele é o abuso, em algumas passagens, dos lugares-comuns (Veja – 19 de março de 2003)
- (11) Burgess realmente oferece ao leitor um personagem fascinante em todas as suas contradições. (Veja – 30 de julho de 2003)
- (12) Poucos autores são tão bem equipados quanto o peruano para fazer esse tipo de literatura na atualidade. (Veja – 21 de maio de 2003)
- (13) Chico não é um novato nas letras. (Época – 15 de setembro de 2003)
- (14) Com delicado engenho, Ecléa restitui o frescor das narrativas que estão diante de todo mundo,... (Época – 10 de março de 2003)
- (15) [...] a três genuínas virtudes da autora: humor, otimismo e um ouvido incrivelmente bom. (Veja – 26 de março de 2003)

Em [9] o crítico elogia a autora pela escolha do modo como trata de um dos temas do livro, em [10] o resenhista critica o autor pela falta de originalidade e em

[11] temos uma avaliação positiva da construção de personagem. Há nestas amostras avaliação de nuances da mestria do escritor. No exemplo seguinte, a capacidade do escritor é analisada positivamente (o autor é “bem equipado”, ou seja, tem as habilidades necessárias). Em [13] podemos verificar um exemplo de tenacidade; este seria também um exemplo de avaliação implícita, através da menção da experiência do autor, o que sugeriria menos risco para o leitor. Nas duas últimas passagens selecionadas, o crítico elege características de cada autora que as fazem especiais: a primeira é dona de “delicado engenho” e a segunda de “três virtudes”, explicitamente enumeradas.

A fim de mapear de forma mais precisa a ocorrência da atitude nas críticas, tomamos como um dos elementos definidores o referente da atitude. Já que *Apreciação* diz respeito a textos, estabelecemos que a atitude que se refere ao livro e seu conteúdo (representados por seu título ou ainda por *livro, romance, publicação, obra, conto, narrativa, texto, história, coletânea, tema, assunto, etc*) foi classificada como *Apreciação*. Por outro lado, como *Julgamento* diz respeito ao comportamento, à atitude que se refere ao autor e a seu fazer (através de seu nome completo, primeiro nome, sobrenome, pronomes que a ele se refiram ou ainda *autor, escritor, romancista, contista; o estilo de fulano, a linguagem de sicrano, seus personagens...*) foi classificada como expressão de *Julgamento*. Também registramos se a atitude expressa era positiva ou negativa.

4 RESULTADOS DA ANÁLISE E DISCUSSÃO

Antes de entrar na questão da avaliação nas críticas de livro, gostaria de abrir um parêntese e dar ao leitor uma idéia de como a informação se organiza nos textos. Para tal, fiz um levantamento dos movimentos retóricos (SWALES, 1990) típicos do gênero, reproduzidos no quadro 3.

No entanto, esta configuração da organização das informações não reflete a ordem em que os movimentos se encontram em cada exemplar do gênero, pois há grande variação, com exceção do veredicto. Estes movimentos são canônicos, podendo ser complementados ainda por informações sobre a tiragem da obra ou o acabamento do volume, por exemplo. O texto da crítica em si é precedido por título e subtítulo que, além de atrair a atenção do leitor, tendem a oferecer pistas mais ou menos explícitas acerca do juízo emitido pelo resenhista, trazendo para a porta de entrada no gênero aquilo que o define: a expressão de uma opinião. Por exemplo, a

leitura de “Trombada feia. Novo romance do celebrado Don DeLillo é uma tola fantasia sobre o fim do sonho americano” (Veja – Edição 1808, 25 de junho de 2003) antecipa para o leitor a avaliação da resenhista. A linguagem utilizada, em geral, não contém termos técnicos (ou os explica quando lança mão deles) e o texto é concluído, normalmente, por frase de efeito, cujo tom humorístico ou irônico reafirma o juízo de valor emitido sobre a obra.

Fechado este parêntese, vamos à avaliação. Depois de contabilizar a ocorrência

Movimentos retóricos típicos em uma crítica de livros	
•Orientação	a) inclui o livro em contexto geral ou particular, através de comparações com outros do mesmo tipo ou do mesmo autor ou de diálogo com outro objeto/evento artístico; e/ou b) inclui uma pequena biografia do escritor
•Resumo do enredo	porção narrativa cujo objetivo é sintetizar o enredo, sem revelar o fim da história
•Reportagem	passagem que traz a voz do escritor para o texto, na forma de discurso direto ou indireto, espelhando um movimento típico do gênero notícia, isto é, a inclusão no texto de testemunho
•Avaliação	avaliação da obra ou do desempenho de seu autor; é recorrente e pode aparecer integrada aos outros movimentos anteriormente mencionados
•Veredito	frase (de efeito, em geral) que resume para o leitor a opinião do resenhista sobre o livro como um todo ou sobre o desempenho do autor

Quadro 3 – Movimentos retóricos típicos em uma crítica de livros.

de Apreciação e Julgamento e sua polaridade nas críticas selecionadas para compor o *corpus*, temos os resultados das tabelas 1, 2 e 3.

Esses resultados nos dizem que as resenhas tendem a ser mais positivas do

Tabela 1 – Ocorrência de atitude no *corpus*:

Ocorrência de Atitude	Apreciação	Julgamento
	108	77

Tabela 2 – Ocorrência de polaridade no *corpus*:

Ocorrência de polaridade	Positivo	Negativo
	142	43

Tabela 3 – Ocorrência de polaridade segundo a atitude expressa no *corpus*:

Polaridade	Atitude			
	Apreciação		Julgamento	
	Positiva	Negativa	Positivo	Negativo
	86	28	56	15

que negativas e que os críticos procuram avaliar mais frequentemente o livro do que o autor e sua performance. Eles nos dão um painel bem amplo, do qual podemos inferir apenas que a tendência ao elogio, principalmente aquele dirigido ao livro, parece indicar que o resenhista se coloca como avaliador mais objetivo e que procura evidenciar o que a publicação tem de bom. Entretanto, será que este padrão se repete nas resenhas laudatórias e naquelas totalmente negativas? A partir deste grande pano de fundo, quando as examinamos individualmente, podemos ter uma visão um pouco mais clara de como o crítico encaminha sua avaliação ao leitor. E porque a avaliação é recorrente no texto, sua prosódia é o que interessa. Tomemos, por exemplo, as críticas reproduzidas a seguir, sobre o mesmo livro de contos de autoria de Sérgio Sant'Anna:

PÍLULAS DE MELANCOLIA

Solidão é a marca dos contos reunidos pelo escritor Sérgio Sant'Anna em "O Vôo da Madrugada". Sérgio Sant'Anna é exímio contista. Já em seu livro de estréia, *O Sobrevivente*, de 1969, ele surgiu trazendo um estilo particular de pequenas histórias. Voltou ao formato em *Notas de Manfredo Rangel, Repórter* (1973), *O Concerto de João Gilberto no Rio de Janeiro* (1982) e ainda em *A Senhorita Simpson* (1989). Dono de um texto engenhoso, Sant'Anna consegue construir narrativas depressivas e, ao mesmo tempo, enternecer o leitor com seus personagens invariavelmente solitários. Depois de lançar um romance em 1997 (*Um Crime Delicado*), ele retorna agora ao formato curto em *O Vôo da Madrugada*. Em 16 'peças' – algumas de apenas duas páginas –, ele passeia por diferentes tons, conteúdos diversos e formatos variados. Ainda assim, a assinatura pessoal está presente em todos os contos: a linguagem experimental, o sexo e, principalmente, a melancolia. Há ensaios, como 'Contemplando as Meninas de Balthus', em que o autor discorre sobre alguns trabalhos do pintor francês. Há também contos propriamente ditos, romances curtos e – no caso de Sant'Anna – desconcertantes, como o que dá título ao livro, e também 'Um Conto Nefando?'. Muitos misturam situações imaginadas a lembranças pessoais do autor (é ele o menino do 'Conto Obscuro', que maltrata uma barata e depois teme ser castigado por Deus). Mais adiante, em 'A Figurante', a história do relacionamento de uma senhora de sociedade com um pintor homossexual no Rio dos anos 20 é construída a partir da descrição da moça que aparece no detalhe de uma fotografia da cidade naquele período. E, um pouco antes, em 'Um Conto Abstrato', a melodia e a harmonia das palavras é o que realmente interessa. O autor escreve: 'Um conto lasso e elegante como um gato roçando o pêlo na perna de uma moça que bebe à mesa de um café parisiense um licor de artemísia enquanto lê um filósofo anacrônico da existência'. Bom de ler em voz alta, como poesia. Aos 62 anos, carioca do bairro de Botafogo, Sant'Anna foi criado em Belo Horizonte. Mais tarde, passou temporadas em Paris e nos Estados Unidos e, depois, voltou a morar no Rio de Janeiro. Desde então, a cidade é figura importante em sua ficção. Em *O Vôo da Madrugada* há uma passagem em que a influência carioca dá um ar rodriguiano ao texto: é 'Gorila', ótima história, contada em três partes, sobre um sujeito que passa trotes apaixonados para mulheres da cidade usando

o pseudônimo de Gorila. O tom suburbano do trio de contos, a sexualidade sempre presente e a culpa católica que restou da criação do escritor reforçam a semelhança com Nelson Rodrigues. Mas qualquer semelhança, ainda que não seja mera coincidência, não tira de Sant'Anna o mérito de ser um dos melhores – e mais singulares – contistas em atividade no país. Beatriz Velloso Época -29/09/03

O texto da resenha abre-se com “Sérgio Sant'Anna é exímio contista” (Julgamento; normalidade; positivo), seguida de uma mostra da produção literária do autor no gênero conto, cujas funções são tanto apresentar argumentos para sustentar a afirmação anterior, como também informar ao leitor acerca da experiência dele (Julgamento; tenacidade; positivo). Os elogios a Sant'Anna continuam em “Dono de um texto engenhoso (Julgamento; mestria; positivo), Sant'Anna consegue construir narrativas depressivas e, ao mesmo tempo, enternecer o leitor com seus personagens invariavelmente solitários” (Julgamento; mestria; positivo). A resenhista chega ao livro objeto de seu escrutínio, mas continua a elogiar o autor através de “ele passeia por diferentes tons, conteúdos diversos e formatos variados (Julgamento; mestria; positivo). Ainda assim, a assinatura pessoal está presente em todos os contos: a linguagem experimental, o sexo e, principalmente, a melancolia” (Julgamento; mestria; positivo).

Passa a olhar para o detalhe, no segundo parágrafo, ao focar determinados contos da coleção, sintetizando seus temas ou enredos e avaliando-os. Nos fragmentos a seguir, vemos que a resenhista se fixa no objeto e não mais no autor ou seu desempenho: “[...] romances curtos e – no caso de Sant'Anna – desconcertantes, como o que dá título ao livro, e também ‘Um Conto Nefando?’”; “[...] em ‘Um Conto Abstrato’, a melodia e a harmonia das palavras é o que realmente interessa” (Apreciação; composição; positivo); [citação do texto do autor] “Bom de ler em voz alta, como poesia” (Apreciação; composição; positivo).

No último parágrafo, depois de fornecer ao leitor algumas informações sobre a biografia geográfica do escritor para justificar a influência da cidade do Rio de Janeiro em sua produção, a resenhista avalia positivamente mais um conto (“‘Gorila’, ótima história” – Apreciação; qualidade; positivo) e fecha o texto retornando às qualidades especiais do escritor: “[a semelhança com Nelson Rodrigues] não tira de Sant'Anna o mérito de ser um dos melhores (Julgamento; capacidade; positivo) – e mais singulares – contistas em atividade no país” (Julgamento; normalidade; positivo).

Esta crítica segue um dos padrões de avaliação identificados nos textos do *corpus*: começa pelo geral (o livro/o autor), vai ao detalhe (aspectos específicos da obra/da mestria do autor) e volta ao geral (o livro/o autor). Este texto concentra a

maioria dos elogios no autor e em seu desempenho, deixando para emitir juízo estético sobre os contos propriamente ditos somente na parte intermediária do texto, quando trata de partes específicas da coletânea. Outro padrão observado se repete no texto examinado: quando a crítica é laudatória, a ocorrência de índices de avaliação positiva sobre o escritor é maior do que sobre o objeto. A título de ilustração deste protótipo, podemos mencionar ainda a crítica de Marcelo Marthe sobre o livro *O Paraíso na Outra Esquina*, de Mario Vargas Lhosa (publicada em *Veja* – Edição 1803 – 21 de maio de 2003) e a de Moacyr Scliar acerca de *Coelho se Cala*, de John Updike (em *Veja* – Edição 1810 – 9 de julho de 2003).

Passemos agora a outra resenha do mesmo livro, cujo juízo emitido pelo resenhista não é completamente laudatório como na que acabamos de investigar.

NUM PAÍS OBSCURO

A morte e o “depois” assombra os personagens de *O Vôo da Madrugada*, de Sérgio Sant’Anna

São os dois maiores temas literários, e haverá quem diga que são os únicos: amor e morte. A obra de Sérgio Sant’Anna até aqui se voltava mais ao primeiro deles. Estreando com os contos de *O Sobrevivente*, em 1969, o escritor carioca era um representante da geração que descobria no sexo uma bandeira libertária. Ainda é assim, por exemplo, no conto-título de *A Senhorita Simpson*, de 1989, no qual o protagonista precisa passar por uma série de aventuras priápicas para no final se lançar a uma viagem de descoberta. No recém-lançado *O Vôo da Madrugada* (Companhia das Letras; 247 páginas; 39 reais), porém, a viagem é outra. Na maioria dos contos dessa coletânea, os personagens mostram-se obsessivamente preocupados com a morte e com o que vem (ou não) depois. Isso é ao mesmo tempo a grande qualidade e o grande defeito do livro.

No final de *A Senhorita Simpson*, o protagonista, com 30 anos, afirma que está deixando para trás não a sua juventude, mas a velhice. Essa declaração heróica soa ingênua, quando confrontada à realidade física que assombra alguns personagens de *O Vôo da Madrugada*, como a senhora com incontinência urinária e glaucoma do conto *Formigas de Apartamento*. Mesmo os personagens mais jovens estão sempre se perguntando sobre o fim, sobre a existência ou não de vida em outro plano. No magistral *O Embrulho da Carne*, a personagem, misto de perua carioca e histérica vienense, está obcecada com uma notícia de tablóide: o estupro e assassinato de uma jovem encontrada num trem abandonado. A força expressiva da coletânea parece vir desse país obscuro do qual ninguém retorna, e a morte é o impulso oculto também em *Um Conto Abstrato* e *Um Conto Obscuro*, talvez os melhores momentos do livro. São uma mistura de ensaio, ficção e memória, sem um enredo condutor – contos sobre a composição de um conto impossível.

O autor atrapalha-se, porém, na solenidade que seu tema parece exigir. Seu humor às vezes falha, e seus personagens tornam-se graves e sentenciosos. Essa afetação emperra a narrativa do conto-título, que tem lugar entre Boa Vista e São Paulo, na viagem de um avião que transporta

os corpos de vítimas de um acidente aéreo e seus parentes enlutados. O conto ainda se equilibra na ambigüidade, deixando que o leitor decida se aquela é ou não uma história de fantasmas. Já a exclusão do longo *O Gorila*, que ocupa sozinho a segunda seção do livro, tornaria *O Vôo da Madrugada* melhor. Nas primeiras páginas, o leitor ainda se diverte com os espirituosos diálogos do tarado telefônico que se intitula “o Gorila”. Mas logo o conto vira uma salada místico-erótica, com repetitivas especulações sobre o suicídio e o amor “transcendental”.

A terceira e última seção de *O Vôo da Madrugada* reúne o que o autor chamou de “três textos do olhar”. São contos, ou quase ensaios, compostos sobre pinturas da brasileira Cristina Salgado, do francês Balthus, do expressionista austríaco Egon Schiele. É curioso que esses textos amorosos figurem no final de um livro que até ali era dedicado à morte. No olhar maravilhado que dedica a essas obras eróticas, Sant’Anna parece estar expressando – embora não explicitamente – a esperança de que a arte, afinal, possa sobreviver. Outra crença ingênua, talvez. Mas quem quer abdicar dela? Jerônimo TeixeiraVeja – 15/10/2003.

Depois de situar o leitor no contexto da carreira literária de Sant’Anna e informá-lo que agora este escolheu lidar com um tema diferente – a morte e o “depois”, o resenhista aponta sua avaliação geral do livro: “Isso [a morte e o depois] é ao mesmo tempo a grande qualidade (Apreciação; qualidade; positivo) e o grande defeito do livro (Apreciação; qualidade; negativo)”. Assim, já sabemos como ele encaminhará sua argumentação adiante.

No parágrafo seguinte, o resenhista parte para a avaliação positiva de aspectos particulares da coleção de contos, mencionando três deles e o livro como um todo: “No magistral *O Embrulho da Carne*” (Apreciação; qualidade; positivo); “A força expressiva da coletânea (Apreciação; qualidade; positivo) ...”; “*Um Conto Abstrato* e *Um Conto Obscuro*, talvez os melhores momentos do livro” (Apreciação; qualidade; positivo).

No terceiro parágrafo, temos então a contrapartida negativa. O resenhista dispara sua primeira crítica contra o escritor, dizendo que “O autor atrapalha-se, porém, na solenidade que seu tema parece exigir” (Julgamento; capacidade; negativo). Detalha a seguir o que quer dizer com “atrapalha-se”, especificando o que o escritor não fez bem: “Seu humor às vezes falha (Julgamento; mestria; negativo), e seus personagens tornam-se graves e sentenciosos” (Julgamento; mestria; negativo). Passa então a avaliar, de novo, os contos, mas desta vez usa estratégias discursivas que suavizam as críticas feitas. Em “Essa afetação emperra a narrativa do conto-título... (Apreciação; engenharia; negativo). O conto ainda se equilibra na ambigüidade... (Apreciação; engenharia; positivo)”, temos uma construção concessiva; em “Já a exclusão do longo *O Gorila*, que ocupa sozinho a segunda seção do livro, tornaria *O Vôo da Madrugada* melhor” (Apreciação; engenharia;

negativo) temos o futuro do pretérito, que dá à restrição um tom de sugestão; para completar este parágrafo, mais uma concessiva sobre *O Gorila*: “Nas primeiras páginas, o leitor ainda se diverte com os espirituosos diálogos do tarado telefônico que se intitula “o Gorila” (Apreciação; engenharia; positivo). Mas logo o conto vira uma salada místico-erótica...” (Apreciação; engenharia; negativo).

Termina a resenha com mais uma crítica “leve”, através do vocábulo *curioso*, apontando que o tema dos contos finais da coleção – o amor – estaria em desacordo com o tema da morte que permeia a coleção, sugerindo uma organização temática descosturada: “É curioso que esses textos amorosos figurem no final de um livro que até ali era dedicado à morte” (Apreciação; engenharia; negativo).

Esta crítica também segue outro padrão de avaliação identificado nos textos do *corpus*: é mais comum encontrar índices de apreciação negativa do que julgamento negativo. Ou seja, ao dirigir suas críticas ao objeto, o resenhista evita, intencionalmente, atingir a pessoa. Tal escolha parece muito eficiente em termos interacionais, pois além de permitir que o crítico construa uma imagem de avaliador que procura ser objetivo, é também uma forma de ele se alinhar com o leitor e dele angariar respeito pelas opiniões expressas. Dentre as críticas que reproduzem este modelo podemos citar a de Jerônimo Teixeira, sobre o romance *Budapeste*, de Chico Buarque (em *Veja* – 17 de setembro de 2003) e a de Luís Antônio Giron, sobre *O Diário de um Fescenino*, da autoria de Rubem Fonseca (publicada em *Época* – Edição 256 – 14 de abril de 2003).

5 OBSERVAÇÕES FINAIS

Para concluir, voltemos a Eco (2003, p. 155):

A resenha, nos melhores casos, pode se limitar a dar aos leitores uma idéia sumária da obra que eles ainda não leram, e depois impor a eles o juízo (de gosto) do crítico. Sua função é eminentemente informativa (diz que foi publicada uma obra aproximadamente assim e assim) e diagnóstico-fiduciária: os leitores acreditam no resenhista, como acreditam no médico que, depois de ouvi-los dizer trinta e três, aponta sumariamente um princípio de bronquite e prescreve um xarope.

Nesta passagem, o teórico descreve de forma sintética e precisa o propósito do gênero crítica de livros, aponta os papéis desempenhados pelos participantes e

explicita a relação de confiança, pelo menos inicial, que deve se estabelecer entre o leitor e o crítico. Enquanto prática discursiva, a crítica de livros é fórum de construção, negociação e legitimação de idéias sobre a prosa de ficção. Os exemplares do gênero materializam práticas descritivas e avaliativas e também nos dão indicações de como se descreve e como se avalia: é preciso, por um lado, produzir tanto uma descrição fiel do objeto, como uma avaliação calcada nos valores caros à comunidade que emprega o gênero; por outro, é preciso considerar as relações entre seus diversos participantes, porque quando a avaliação de um produto e de uma reputação se torna pública, os riscos de mal-entendidos e egos feridos são potencialmente grandes.

O modelo proposto por Martin (2000) para a identificação da atitude expressa no momento da avaliação é um generoso ponto de partida, pois permite um levantamento de tipos, que por sua vez possibilitam ao pesquisador caracterizar um gênero segundo a maior incidência de um ou mais deles. Contudo, no caso específico das críticas de livros, o modelo inicial precisou ser alterado para dar conta mais precisamente dos dados que os exemplares do *corpus* apresentavam. Acredito ainda que a adoção do conceito de gênero discursivo é fundamental no sentido de promover uma utilização mais eficiente deste modelo, pois não parece ser suficiente podermos identificar o que se avalia (livro e desempenho do autor) e como se avalia (Apreciação e Julgamento), pois o quê e o como estão atrelados à ação social. Neste sentido, podemos compreender melhor estes aspectos discursivos porque partimos de um construto que nos permite perceber como agimos e interagimos no mundo.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Trad. de Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992 [1979], p. 277-287.
- BAZERMAN, C. The life of genre, the life in the classroom. In: BISHOP, W.; OSTROM, H. (Eds.). **Genres and writing: issues, arguments, alternatives**. Portsmouth, NH: Heinemann, 1997, p. 19-26.
- BERBARE, A.P. Crítica de cinema: caracterização do gênero para projetos de produção escrita na escola. In: LOPES-ROSSI, Maria Aparecida (Org.). **Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos**. Taubaté, SP: Cabral Ed e Livraria Universitária, 2002, p. 41-58.
- BERKENKOTTER, C.; HUCKIN, T. N. **Genre knowledge in disciplinary communication**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1992.

- BHATIA, V. **Analysing genre**: language use in professional settings. London: Longman, 1993.
- CARVALHO, G. Resenhas acadêmicas: um guia rápido para escritores de primeira viagem. **Dubito Ergo Sum**, p. 1-7, 2004.
- _____. **Resenhas/reviews**: da ação entre amigos ao apontador de defeitos (um estudo contrastivo de resenhas acadêmicas escritas em inglês e em português). 207 fls. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos) – Instituto de Letras, UFE, Niterói, 2002.
- ECO, U. **Sobre a literatura**. Trad. de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- GARDNER, J. **A arte da ficção**: orientações para futuros escritores. Trad. de Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- HALLIDAY, M. A. K. **Introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1985.
- HYLAND, K. **Disciplinary discourses**: social interactions in academic writing. Essex: Pearson Education Limited, 2000.
- MARTIN, J. R. Beyond exchange: APPRAISAL systems in English. In: HUNSTON, S.; THOMPSON, G. (Eds). **Evaluation in text**: authorial stance and the construction of discourse. Oxford: Oxford University Press, 2000, p. 142-175.
- MARTIN, J. R.; ROSE, D. **Working with discourse**: meaning beyond the clause. London; New York: Continuum Press, 2003.
- MILLER, C. Genre as social action. In: FREEDMAN, A.; MEDWAY, P. **Genre and the New Rhetoric**. London: Taylor & Francis, 1994, p. 23-42.
- MOTTA-ROTH, D. **Rhetorical features and disciplinary cultures**: a genre-based study of academic book reviews in Linguistics, Chemistry, and Economics. Tese (Doutorado em Letras/Inglês) – UFSC, Florianópolis, 1995.
- SWALES, J. **Genre analysis**: English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

Recebido em 24/01/06. Aprovado em 16/02/06.

Title: Book reviews: a brief study of the language of evaluation

Author: Gisele de Carvalho

Abstract: This article focuses on the language of evaluation present in book reviews. The corpus comprises twenty reviews of fiction books, published in non-specialized Brazilian magazines. In order to identify the kind of attitude expressed by the reviewer, the analysis carried out is based on the categories proposed by Martin (2000).

Keywords: evaluation; genre; book review.

Tître: Critiques de Livres: une brève étude du langage de l'évaluation

Auteur: Gisele de Carvalho

Résumé: Cet article focalise surtout l'évaluation existante dans le genre critique des livres. Le corpus de la recherche est constitué par vingt compte rendus des livres de fiction, publiés dans des revues hebdomadaires et de circulation nationale. Pour identifier le type d'attitude exprimée par celui qui écrit le compte rendu, l'analyse du phénomène de l'évaluation est fondée dans les catégories proposées par Martin (2000).

Mots-clés: évaluation; genre textuel; critique de livre.

Título: Críticas de Libros: un breve estudio del lenguaje de la evaluación

Autor: Gisele de Carvalho

Resumen: Este artículo se centra en la evaluación planteada en el género crítica de libros. El corpus comprende veinte reseñas sobre libros de ficción publicadas en revistas semanales y de circulación nacional. A fin de identificar el tipo de actitud expresada por el reseñador, el análisis del fenómeno de la evaluación esta basada en las categorías propuestas por Martín (2000).

Palabras-clave: evaluación; género textual; crítica de libro.